

**ESSE NEGÓCIO DE LIVROS**  
**EPISÓDIO 14 – CENA EDITORIAL INDEPENDENTE**

**01:00:17:16**

**VINHETA DE ABERTURA**

Qualquer pessoa, hoje, em qualquer lugar do país, com um computador com acesso à internet, faz no Word e transforma em PDF, manda para a gráfica e a gráfica faz um exemplar por R\$10,00. Então, qualquer lugar do país você pode ter uma editora pequena.

Acho que o maior desafio é como encontrar o leitor.

ESSE NEGÓCIO DE LIVRO

Episódio – CENA EDITORIAL INDEPENDENTE

**01:01:14:18**

**MARIANNA TEIXEIRA - Agente Literária**

Quem são as editoras independentes? São, na verdade, as editoras pequenas e médias que estão fora dos grandes grupos editoriais e que, a verdade, têm uma publicação que é uma publicação modesta, do ponto de vista de quantidade, têm, às vezes, uma penetração nas livrarias, que é uma penetração também difícil, mas que, por outro lado, têm uma curadoria, que é uma curadoria sempre muito interessante. Tem coisas que você só encontra, digamos, nessa cena alternativa, entendeu? Você não vai encontrar determinados perfis de autores nas grandes editoras, a não ser que eles, em algum momento, estejam consolidados, entendeu? A própria cena da poesia, a gente vê uma cena completamente diferente. Tem os saraus, tem as editoras que publicam poesia, tem as editoras que fazem livros artesanalmente, então, enfim, é uma coisa muito rica. E eu acho que essa cena é que alimenta o mercado.

**01:02:15:28**

**EDUARDO LACERDA – Editor Patuá**

O movimento de editoras independentes vem, sei lá, desde os anos 60, com Massao Ohno, que publicou Piva e a Hilda Hilst, mas também publicou quase 800 pessoas ao longo de 30 anos. Eu acho que tem cada vez mais editoras aparecendo. Isso, provavelmente por conta da impressão digital sob demanda que apareceu recentemente nos últimos dez anos. Então hoje você imprime, a partir de um exemplar, um livro de qualidade, que é o mais importante, um material de qualidade, faz um exemplar, dez exemplares. Então, uma pessoa que queira montar uma editora hoje não tem necessidade de fazer um investimento alto, uma tiragem de 500, 1000, 1500 exemplares, como a dez anos atrás era necessário. E também o acesso maior ao computador e internet. Tudo isso acaba com essas barreiras da produção e da distribuição.

**01:03:06:19**

**MARIANNA TEIXEIRA - Agente Literária**

Existe um grupo que está pensando muito, assim, como viabilizar o negócio editorial de uma maneira diferente do que é o mercado estabelecido, porque o mercado estabelecido se estabeleceu há 30 anos. Assim, os grandes grupos estão aí há 30, 70 anos, então a maneira que eles pensam o fazer editorial é uma maneira que é uma maneira estabelecida.

**01:03:30:19**

**ESTEVÃO AZEVEDO - Escritor**

A oferta é muito restrita. A oferta das grandes editoras, o leitor tem acesso sempre às mesmas informações em todos os canais e aos mesmos autores. Então, se você quer saber o que está sendo produzido na literatura do Amazonas, do Nordeste, do Sul, do Centro-Oeste, em grande medida, você vai ter que frequentar os canais que divulgam literatura independente, que hoje são muito mais numerosos do que eram a 10 anos atrás.

**01:04:00:26**

**DELFIN – Designer Studio DelRey**

Edições K foi uma cooperativa de autores, quatro autores, um do Rio Grande do Sul, eu de Campinas e dois da Bahia. A gente funcionava totalmente por e-mail e por chat do Ig. Mal tinha o Orkut, né?

**01:04:17:16**

**ESTEVÃO AZEVEDO - Escritor**

Eu publiquei os primeiros livros pela Edição K em 2004 ou 2005. Naquela época, já existiam várias editorinhas independentes, editoras pequenas que trabalhavam juntas. Tinha a Livros do Mal, de Porto Alegre, que era do Daniel Galera e do Pelissari, que teve uma repercussão muito grande e formou... Deu espaço para autores que hoje estão aí muito célebres.

**01:04:40:16**

**MARIANNA TEIXEIRA - Agente Literária**

Tem muitas, tem a 7 Letras que está há muitos e muitos anos, há décadas talvez, que já faz esse trabalho há muito tempo. Tem a Patuá, que é uma editora de São Paulo que está fazendo um trabalho lindo, bem importante.

**01:04:56:07**

**EDUARDO LACERDA – Editor Patuá**

Patuá surgiu em fevereiro de 2011, com a publicação do primeiro livro, mas um ano antes a gente já passou o ano de 2010 pensando como viabilizar uma editora nos moldes da Patuá, uma editora que publicasse autores estreados, de forma gratuita, com livros de qualidade, material de qualidade, com pequenas tiragens, a partir de 100 exemplares. Como a gente não sabia o caminho de montar uma editora e de montar uma empresa, eu tinha uma sócia, a Aline Rocha, que montou, na época, comigo. E nenhum dos dois tinha nenhuma experiência de como montar uma empresa, quanto mais uma editora. Então, nós passamos esse ano de 2010 procurando como, sei lá, tira o CNPJ, como a gente faz registro na Biblioteca Nacional para conseguir o ISBN, onde conseguir um diagramador e uma gráfica que possa executar esse trabalho que a gente precisa. Então foi tentativa e erro durante um ano até que o primeiro livro fosse realizado. E a gente começou assim: o primeiro livro em fevereiro; o segundo em março; abril já dois livros; e agora a gente está com uma média de 10, 12 por mês. 480 em 6 anos.

Videografismo – ESTRATÉGIAS DE VENDA

**01:06:18:15**

**ESTEVÃO AZEVEDO - Escritor**

O que acontece hoje, no mercado, hoje e há um bom tempo, é que os canais de distribuição oficiais, livrarias para venda e jornais e revistas para divulgação, eles não são mais viáveis para quem é pequeno. A concorrência por um espaço, seja de divulgação, seja de venda, é monstruosa. E tem atores gigantes nesses circuitos, as grandes editoras, os grandes autores, os best-sellers. Então, é muito difícil você ter

seu livro, de uma editora pequena e independente, visível em uma livraria grande, ou em uma livraria pequena, ou você ter espaço em caderno cultural de um jornal grande ou de uma revista. Então começou uma busca por criar espaços próprios. As pequenas editoras às vezes criam lojas, como a Patuá, por exemplo, que tem a própria loja. A venda pela internet, pelos próprios canais, é fundamental.

**01:07:13:10**

**EDUARDO LACERDA – Editor Patuá**

A gente não trabalha com livrarias, por política da editora, a gente adora as livrarias, mas infelizmente não é possível pelas condições comerciais deles. Então, os pontos de venda, hoje, da Patuá é a internet, nosso site, o Patuscada, que é uma livraria, bar, café, que é um espaço que recebe lançamentos da Patuá e de outras editoras então, os lançamentos são muito importantes para essa venda inicial – algumas feiras literárias, que são espaços que a gente consegue colocar os livros para um público mais amplo.

**01:07:47:17**

**ESTEVÃO AZEVEDO - Escritor**

E isso também é bom, não só porque é uma alternativa de sobrevivência, mas é muito bom porque você começa a falar com quem está interessado no tipo de coisa que você produz.

**01:08:01:16**

**MARIANNA TEIXEIRA - Agente Literária**

O que acontece na cena independente, muitas vezes, é que a cena independente surge por conta dos próprios autores que entendem essa dificuldade de mostrar o trabalho deles, de entrar no mercado. Então, muitas vezes, a própria cena independente é alimentada e ela é organizada pelos próprios autores que querem que os seus trabalhos comecem a aparecer.

**01:09:26:05**

**DELFIN – Designer Studio DelRey**

Tipo, é punk! Não tem jeito. É faça você mesmo do melhor jeito possível e distribua, expanda as ideias, divulgue e dissemine. Marketing de guerrilha completo.

Videografismo – FAÇA VOCÊ MESMO

**01:08:49:22**

**MARCELINO FREIRE - Escritor**

Eita! A Balada Literária. A Balada Literária é mais um desses meus desejos de não me sentir um escritor sentado na cadeira, sabe? Tirar um pouquinho a bunda da cadeira e ir para a rua. A Balada Literária foi um desejo que surgiu exatamente durante uma festa literária de Paraty. A Flip é a festa literária e falta cerveja lá, aí eu digo: “Peraí, uma festa que falta cerveja não pode. Parece aquelas festas que a gente marca que só tem long neck quente”. Eu digo “Não, não pode ser, então eu vou fazer uma festa só para que não falte a cerveja”, e como eu moro na Vila Madalena há quase 20 anos, eu disse: “Eu vou fazer lá. Desses 12 anos, só 3 anos eu fiz com apoio da Lei Rouanet, mas os parceiros se juntam e os artistas se juntam para celebrar a literatura. Então, vem desde o jovem poeta de Teresina a Caetano Veloso. Já homenageei de Augusto de Campos, a Carolina Maria de Jesus, Plínio Marcos, tudo feito com muita luta.

**01:10:15:12**

**DELFIN – Designer Studio DelRey**

Então, a Edições K surgiu em 2004 e a gente tinha um desafio de, em 15 dias - maluquice total -, em 15 dias a gente teve que editar os livros, fazer projeto gráfico, mandar imprimir a tempo de estar na segunda Flip lá em Paraty. Então a gente foi lá e lançou os livros de modo independente. E até aí tudo bem. A grande questão foi a gente ter invadido a festa da Livraria da Travessa, como penetras. E nessa festa a gente conheceu a Editora do Prosa e Verso, mostramos os livros, a gente estava com os livros por sorte, caímos nas graças dela, no dia seguinte saiu no Prosa e daí virou um pequeno hype.

**01:11:00:27**

**ESTEVÃO AZEVEDO - Escritor**

E eles editavam os próprios livros, inclusive se financiando, todos ajudavam na edição de todos e distribuíam esses livros nas cidades em que moravam, em um esquema como se fosse uma banda de rock de turnê, então todos viajavam para uma cidade, faziam festas e ajudavam a divulgar os livros nessas cidades. Ao longo desse tempo, eu viajei para Porto Alegre para participar de debates e promover o livro, a gente foi para Flip vender em uma mesa de bar os livros, enquanto o evento oficial acontecia. Então foi assim que saiu o meu primeiro livro que se chama “O Som de Nada Acontecendo”, que foi a minha primeira imersão como autor e a minha primeira conquista de leitores, ainda em uma escala muito pequena, mas fundamental. Você começa a formar uma rede. Acho que isso que é a parte mais bacana de você publicar de forma independente, ou de qualquer forma.

**01:11:58:10**

**PEDRO ALMEIDA – Editor Faro**

Eu não vejo, por exemplo, uma possibilidade de um autor ter uma experiência de ser autor como era no passado e que nós temos dois exemplos vivos no Brasil, que é o Rubens Fonseca e o Dalton Previsan, autores reclusos, que não falam com a imprensa, não são vistos, não participam de eventos. Hoje, o autor precisa mediar a sua, ele precisa interagir com os leitores. Então, assim, todas as ações que ele pode fazer isso: feiras literárias, feiras de condomínio, pequenos eventos culturais, debates, rede social, internet, vlog, todo são canais para ele manter esse contato e falar sobre a sua obra. Se ele não fizer isso, ele não acontece.

**01:12:38:27**

**ESTEVÃO AZEVEDO - Escritor**

A vida em comunidade é parte fundamental do sucesso de uma editora independente. Você tem que trocar, você tem que estar presente, você tem que convencer a pessoa, o leitor, o possível comprador de que seu livro é interessante. Nas editoras independentes isso é questão de sobrevivência. Um autor recluso, muito tímido ou que não aceita participar dessa vida em comunidade, comunidade de escritores, leitores e editores, ele não vai conseguir seguir em frente.

**01:13:12:11**

**NOEMI JAFFE – Escritora e Professora de Escrita Criativa**

Quanto mais linguagens forem publicadas quanto mais formas de publicações, de edições houver, quanto mais editoras quanto mais público, quanto mais autores houver, melhor para todo mundo, melhor para literatura especialmente, que é o mais importante. Melhor para os autores, para os consumidores para o mercado, para a imprensa e para a academia. A bibliodiversidade é super saudável para todo mundo.

**01:13:47:14**

Vinheta – Estamos apresentando

**01:14:02:14**

Vinheta – Voltamos a apresentar

Videografismo – CURSOS DE FORMAÇÃO

**01:14:12:08**

**PEDRO ALMEIDA – Editor Faro**

Antigamente não havia, por exemplo, assim, um ambiente profissional que formasse os autores e ensinasse esses autores a criar. Primeiro finalizar uma obra, que a gente chama de original, uma obra não publicada, o nome se dá “original” no meio, e depois como acessar uma editora. Hoje, já há, por exemplo, tanto na internet, nas redes sociais, os grupos de troca entre autores, muita informação de como fazer isso. Inclusive cursos que ajudam nessa formação.

**01:14:44:29**

**NOEMI JAFFE – Escritora e Professora de Escrita Criativa**

Sobre os cursos de formação de escritores, eles têm passado por um espécie de boom, uma febre nos últimos 10, 15 anos, tem surgido vários cursos de formação. Em 2016, eu resolvi abrir um espaço meu, que é a Escrevedeira, que é uma sala onde eu dou cursos para grupos. Então, o que é o espaço de ensino de escrita criativa? É um lugar para que as pessoas tenham a oportunidade de estarem juntos com outras pessoas que têm os mesmos interesses de leitura e de escrita e que elas são ouvidas e lidas por outras pessoas interessadas em dizer: “Olha, isso aqui não está legal, isso aqui é muito teu”; “Nossa, você escreve sempre desse jeito, com essa frase longa, você sempre põe parênteses, você sempre põe dois pontos” ou “Nossa, isso daqui não tem nada a ver com a sua escrita, o que você está fazendo? Tá tentando uma coisa nova?” Então, as pessoas vão se reconhecendo pela prática e pela escuta, pela coragem de ouvir críticas e pelo interesse que elas têm por leituras semelhantes.

**01:15:59:16**

**MARCELINO FREIRE - Escritor**

No Centro Cultural Barco, que é um espaço de arte aqui de São Paulo, me convidou pra começar um trabalho de oficinas literárias nesse centro cultural. E aí eu acompanho o trabalho de muita gente, tenho acompanhado, viajei pelo Brasil inteiro, tenho viajado, tenho uma oficina que eu faço uma vez por mês no Rio de Janeiro e também viajei em um projeto chamado Quebras, um projeto que eu fiz com o jornalista Jorge Ialanji Filholini, eu viajei por Macapá, Teresina, São Luís, coordenando oficinas conhecendo os escritores de lá. Como eu estava coordenando já oficinas de criação literária, tive a ideia, em 2010, ao lado do Wanderlei Mendonça, meu querido amigo, parceiro e editor, tive a ideia de fazer um coletivo chamado Edith, Edith. O nome já está dizendo, é o nome de uma pessoa, Edith com “th”, Edith, também está dizendo “Edite! Fale agora ou se cale para sempre”. Aí esse selo começou com esses autores da minha oficina, autores muito talentosos que precisavam publicar isso e havia muita dificuldade para a publicação, a gente se auto fomentou e fez esse selo. E começamos a fazer livros com tiragens muito pequenas e deu o que falar na época, saiu em tudo que é jornal, no Valor Econômico, a Folha de São Paulo, Estadão, O Globo, falando exatamente desse meu percurso de uma editora grande para uma editora pequena para trazer um livro ali e fomentar esses novos autores.

**01:17:43:12**

**MARIANNA TEIXEIRA - Agente Literária**

Às vezes, os próprios autores que ministram as oficinas procuram a gente. Falam: “Olha, tem uma menina aqui que fez a minha oficina que eu acho que é muito boa, está fazendo um trabalho interessante”. Então acontece muito. A gente trabalha em um mercado que é um mercado que tem muita troca. Agora, por

exemplo, a gente teve o Prêmio Jabuti de contos para uma moça chamada Natália Borges Polessa, que publicou também em uma editora independente; a Caroline Rodrigues também, que ganhou Jabuti, e publicou em uma editora bem pequenininha, fez a oficina do Marcelino Freire. Tem esse pequenininho que ela lançou pela Edith, que eu falei: “Como é que eu faço? Vou ter que achar esse livro”. E depois eu fui para Guadalajara e tinha uma estante grande na feira, bem grandona com os premiados do Jabuti. Aí estava aquele livrinho amarelo na estante, eu falei: “Meu Deus, eu preciso desse livro. O que eu faço?”. Aí chamei o rapaz do estande e falei: “Você não pode me emprestar esse livro? Você me empresta, eu levo, depois eu trago ele de volta, amanhã, ninguém nem vai saber que ele saiu daqui. Fora que ele é bem pequenininho”. Aí ele falou: “Não, sinto muito”. Eu falei: “Meu Deus do céu, como eu vou fazer?”. Então, tem essa parte, que é uma parte divertida às vezes, de você querer muito ler alguma coisa do autor e ter que, enfim, tem que fazer às vezes uma gincana pra encontrar.

**01:17:43:12**

#### **ESTEVÃO AZEVEDO – Escritor**

As editoras independentes, elas têm uma limitação que é de braço mesmo. Tem editoras que têm editores excelentes, mas assim, os recursos são limitados, financeiros. Uma Record, uma Companhia das Letras, uma Alfaguara e outras, elas têm um poder de penetração no Brasil inteiro, no mundo, entre os jornalistas, nas livrarias entre os leitores, que uma independente não vai conseguir reproduzir. Acho que a grande diferença é essa, é do alcance, o livro consegue chegar em mais gente. O alcance não necessariamente significa leitores e interlocuções, porque é o que eu disse, chega mais gente, mas o número de leitores é muito limitado. Às vezes, o meu livro em uma editora pequena e em uma editora grande vai chegar na mesma quantidade de leitores mas as possibilidades são maiores em uma grande.

**01:20:03:21**

#### **LUIZ ANTONIO – Presidente da Câmara Brasileira do Livro**

O projeto Brazilian Publisher, nós temos 33 editoras associadas a esse projeto. Dessas 33 editoras, nós temos editoras muito grandes, como Companhia das Letras, Melhoramentos, Cortez. E temos editoras pequenas também, que é o grande objetivo desse projeto, é dar oportunidade para que essas editoras pequenas, que jamais chegariam com tranquilidade em um feira como Frankfurt, por exemplo. Esse projeto não só leva essas editoras, leva os nossos autores, mas também capacita as editoras e os autores a estarem em mais feiras como essas, como Frankfurt, por exemplo. Porque, se você chegar sem ter um pouco de capacitação sobre isso, seria impossível. Aquilo é o mundo. Da mesma forma, a feira de Bolonha, da mesma forma, a feira de Guadalajara. Então, essa é a vantagem desse projeto.

**01:21:01:17**

#### **PEDRO ALMEIDA – Editor Faro**

Muita gente fala assim: “Ah, tá se formando um grande grupo editorial e isso vai acabar com as pequenas editoras”. Não acaba! Porque alguns gêneros só podem ser lançados por pequenas editoras. E as pequenas editoras têm mais agilidade e têm mais liberdade para ousadia. Os grandes grupos estão presos, muitas vezes, em tantas questões, que um livro com uma tiragem que é de um nicho específico, ele não entrar, porque não vai ser rentável para ele. Então assim, há espaço para os dois. E o autor, quando está se formando é melhor que ele esteja em uma casa pequena, ele vá crescendo e formando, porque ou ele cresce junto com a casa que ele está ou ele tem a oportunidade para galgar uma outra maior.

Videografismo – GRANDES OU PEQUENAS

**01:21:43:27**

**MARIANNA TEIXEIRA - Agente Literária**

Tem autores que não querem publicar nas editoras grandes. Porque, às vezes, a gente tem uma sensação de que publicar em uma editora grande é o grande desejo do autor. Não necessariamente! Tem autores que estão muito bem abrigados em suas casas, que não são casas enormes e que têm uma relação com o editor próxima e que estão muito felizes e que publicam vários livros, entendeu? Ou às vezes que foram para editoras grandes e que não acharam, não se reconheceram, não gostaram.

**01:22:19:18**

**EDUARDO LACERDA – Editor Patuá**

Os autores veem nessas editoras menores às vezes autores que estão em editoras maiores, como Companhia das Letras ou na Record -, eles veem a possibilidade de publicar em uma editora menor aquilo que as maiores não estão interessadas. Então, “Ah, eu público romance com uma editora grande, que se interessa por romance, tem público, em vendagem. Mas meu livro de contos essa editora não quer”, aí ele acaba procurando uma editora menor, independente, pequena, que vai abraçar esse projeto. Aí é bacana, porque esse autor, que já tem mais reconhecimento, ele traz um público maior para essa editora pequena. Mas ainda é legal também pegar a pessoa que não tem público nenhum, que no lançamento dela só vem a família. E acho que é o papel do editor, ajudar o autor a encontrar os seus leitores.

**01:23:08:09**

**ESTEVÃO AZEVEDO - Escritor**

Como o processo de produção, a tecnologia se barateou, muitas independentes conseguem fazer livros tão ou mais, às vezes, bonitos do que em uma casa comercial. Não à toa elas estão pipocando, cada vez surgem mais editoras independentes e, não à toa, cada vez mais autores que já têm espaço em editoras grandes às vezes preferem continuar em uma casa pequena ou até ir para um casa pequena. Porque o seu grau de intervenção, ou seja, sua participação no processo editorial é muito maior em uma casa pequena. Você tendo espaços menores, então editoras menores, você também pode produzir com mais liberdade. Então isso é muito bom, é um espaço em que você tem menos medo de errar, você pode testar caminhos diferentes. Porque a necessidade de venda é bem menor, você vai chegar em um público menor.

**01:23:57:09**

**NOEMI JAFFE – Escritora e Professora de Escrita Criativa**

O experimentalismo, a originalidade, a ousadia estão intrinsecamente relacionadas à existência de editoras independentes. E isso não é de hoje, isso acontece desde o século 19. São as editoras independentes, que não estão sendo determinadas pela voz do mercado, que têm a liberdade e a coragem de publicar coisas que não estão atreladas às necessidades de venda.

**01:24:38:00**

**MARIANNA TEIXEIRA - Agente Literária**

Então assim, a gente não pode pensar o mercado editorial só nas grandes editoras, só nos grandes grupos, só nas grandes casas. A gente não tem como pensar dessa maneira. Sobretudo literatura brasileira, porque as grandes casas ainda priorizam literatura estrangeira, ainda compram muita tradução e olham ainda para o nosso mercado de um jeito muito tímido. Então, as editoras independentes elas são absolutamente a base do... É o que movimenta. Então, eu acho que não existe muito essa... “A editora pequena é um passo para a editora grande”. A editora pequena é uma editora pequena, a editora média é uma editora média, editora grande é editora grande.

## Créditos finais